EUA-CHINA

Washington adia visita diplomática a Pequim após detecção de suposto artefato espião no espaço aéreo americano, classificado como "ato irresponsável". Governo Xi diz tratar-se de um equipamento científico e lamenta episódio, atribuído a "uma força maior"

Balão provoca novo abalo nas relações

As complicadas relações entre Washington e Pequim azedaram ainda mais após a identificação de um suposto balão de espionagem chinês no espaço aéreo dos Estados Unidos. Autoridades do governo de Xi Jinping lamentaram a intrusão, segundo elas, "involuntária", alegando ainda se tratar de um artefato para fins científicos. Entretanto, as explicações não atenuaram a situação. Após o incidente, o secretário norte-americano de Estado, Antony Blinken, adiou a viagem que faria a partir de amanhã à capital chinesa. Mais tarde, por meio de um comunicado, ele denunciou o "ato irresponsável".

Segundo um funcionário do governo de Joe Biden, que pediu para não ser identificado, a visita de Blinken será reprogramada quando "as condições forem adequadas". "Tomamos conhecimento de que a China lamenta, mas a presença desse balão no nosso espaço aéreo é uma clara violação da nossa soberania, assim como do Direito Internacional, e é inaceitável", destacou.

Blinken conversou diretamente com autoridades chinesas, disse essa fonte, alegando que, se a viagem tivesse sido mantida nesse contexto, "teria limitado muito seriamente" a agenda. Em telefonema a Wang Yi, vice-chanceler chinês, Blinken classificou o episódio como "uma violação clara da soberania dos EUA e da legislação internacional".

O episódio se tornou público na quinta-feira, mas, segundo informações, o Pentágono vinha monitorando o balão chinês "há vários dias", ainda que sem considerá-lo uma grande ameaça. A pedido do presidente Joe Biden, o Departamento de Defesa considerou abater o aparato, mas decidiu não fazê-lo devido aos potenciais riscos para as pessoas em solo.

"Claramente, a intenção desse balão é a vigilância, e a rota de voo atual o leva a uma série de locais sensíveis", relatou um oficial, acrescentando: "Estamos tomando medidas para nos proteger da coleta de informações confidenciais por parte de inteligência estrangeira".

AFP



Aeróstato no céu sobre de Billings, no estado de Montana: a pedido de Joe Biden, Pentágono cogitou derrubada do aparato



Para Antony Blinken, uma violação à soberania

Getty Images via AFP

Desvio de rota

Inicialmente, a China pediu que não houvesse exageros sobre o assunto, mas acabou reconhecendo que efetivamente se tratava de um aparato procedente do país. "Trata-se de uma aeronave civil utilizada para fins científicos, principalmente meteorológicos", declarou um porta-voz do Ministério das Relações Exteriores chinês em comunicado. Por causa do vento, teria ocorrido um desvio de trajetória. A nota assinala que Pequim "lamenta" que o ingresso do equipamento no espaço aéreo dos Estados Unidos por "uma força maior".

Segundo a imprensa norte-americana, antes de chegar aos EUA, o balão sobrevoou as Ilhas Aleutas, no norte do Oceano Pacífico, e o Canadá. Concretamente, o aeróstato passou pelo estado de Montana, que abriga instalações de mísseis nucleares, onde foram mobilizados aviões de combate que se aproximaram dele, disse um funcionário do Pentágono. O governo canadense informou que estava investigando um "segundo incidente potencial".

Não é a primeira vez que o Exército norte-americano registra uma intrusão do tipo, mas, desta vez, o objeto permaneceu mais tempo no espaço aéreo dos EUA. Além disso, o episódio ocorre num momento já delicado, somando-se às tensões entre Pequim e Washington por Taiwan, que o governo chinês considera parte de seu território e cujo controle o governo do Xi pretende recuperar um dia, mesmo que por força.

Políticos norte-americanos reagiram com indignação ao acontecimento. "Derrubem esse balão!", clamou o ex-presidente republicano Donald Trump em sua rede social, Truth Social.

"Essa violação da soberania americana, poucos dias antes da visita do secretário de Estado Blinken à China, mostra que os sinais recentes de abertura (por parte de Pequim) "não refletem uma mudança real de política", comentaram Mike Gallagher e Raja Krishnamoorthi, respectivamente, líderes republicano e democrata de um comitê parlamentar sobre a China.

A visita de Blinken à China seria a primeira de um secretário de Estado norte-americano desde outubro de 2018, no momento em que os dois países tentam evitar que as tensões entre ambos levem a um conflito aberto.

Ajuda para a Ucrânia

Os Estados Unidos anunciaram, ontem, uma nova ajuda militar de quase US$ 2,2 bilhões à Ucrânia, que inclui artefatos disparados a partir do solo que poderiam aumentar o alcance da força de ataque contra os russos. Trata-se das Bombas de Pequeno Tamanho Lançadas do Solo (GLSDB, na sigla em inglês), mísseis de pequeno diâmetro fabricados por Boeing e Saab, que podem voar por até 150km e, por isso, ameaçar as posições de Moscou.

"Isso oferece uma capacidade de maior alcance [...] que permitirá (aos ucranianos) realizar operações em defesa de seu país e recuperar seu território soberano", afirmou o porta-voz do Pentágono, Pat Ryder. O governo do presidente Volodymyr Zelensky pedia aos Estados Unidos munições que pudessem voar mais longe que os foguetes HIMARS, que têm alcance de 80 quilômetros.

As GLSDB proporcionam à Ucrânia a capacidade de atacar alvos russos na região do Donbass, nas províncias de Zaporizhzhia e Kherson, e no norte da Crimeia. Dessa forma, pode representar uma ameaça às principais linhas de abastecimento russas, aos depósitos de armas e às bases aéreas. Pat Ryder disse que não sabe como as forças ucranianas vão usar essa munição.

Segundo o porta-voz do Pentágono, o novo pacote inclui ainda "capacidades de defesa aérea cruciais para ajudar a Ucrânia a defender sua população", veículos de infantaria blindados e munições para o sistema de lançamento de foguetes HIMARS.

Desde o começo da invasão russa, Washington destinou mais de US$ 29 bilhões para ajudar Kiev. "Os Estados Unidos vão continuar trabalhando com nossos aliados e parceiros para proporcionar à Ucrânia as capacidades para responder às necessidades imediatas no campo de batalha e às de segurança no mais longo prazo", assinalou o Pentágono.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Turnê em campo minado

Dificilmente poderia ser mais desafiador, e ao mesmo tempo cheio de oportunidades, o momento em que o presidente Lula fará as próximas incursões pela diplomacia presencial, com visitas às duas maiores economias do mundo. Estados Unidos e China, pela ordem dos destinos, começaram o ano travando uma sequência de escaramuças no delicado terreno da defesa. Paralelamente, a guerra na Ucrânia, que interessa diretamente a Washington, entra em perigosa escalada armamentista, a duas semanas de completar um ano.

Lula começará a turnê neste mês, indo ao encontro de Joe Biden. A agenda bilateral é carregada, por si só, e tem como ingrediente algo mais digestivo a convergência entre os dois governantes no enfrentamento com a extrema-direita — trumpista por lá, bolsonarista por aqui. Mas o governo brasileiro vem de recusar, sem maior estardalhaço, mas de maneira clara, as gestões da Alemanha para que fornecesse munição de combate para os modernos tanques que europeus e americanos decidiram entregar ao exército ucraniano.

O tema esteve à mesa na visita do chanceler alemão, Olaf Scholz, a Brasília. Deve voltar à baila nas conversações com Biden. Entre um e outro encontro, Lula reafirmou que o Brasil não se envolverá no conflito, mesmo que indiretamente. Ao contrário, se coloca à disposição naquilo em que possa concorrer para uma solução pacífica entre Ucrânia e Rússia.

Mais do que aviões

Até porque tem prevista para março a viagem a Pequim, o presidente brasileiro terá de acompanhar com atenção o ranger de dentes entre o colega americano e o chinês, Xi Jinping. O secretário americano de Defesa, Lloyd Austin, vem de fechar nas Filipinas um acordo que recoloca à disposição das forças dos EUA quatro bases militares no arquipélago. A posição é estratégica para qualquer operação aeronaval em dois focos de tensão em alta no Pacífico: o Mar do Sul da China e Taiwan.

Foi nesse contexto que o secretário de Estado Antony Blinken cancelou ontem a visita que faria na semana que entra à capital chinesa. O clima carregado azedou com o incidente que veio à tona entre quinta e sexta-feira, envolvendo o sobrevoo de um balão espião em regiões dos EUA que abrigam instalações militares sensíveis — entre elas, um dos três complexos de silos para mísseis nucleares.

Qual dos três?

Entre uma e outra visita, cabeças pensantes do Planalto e do Itamaraty terão de se debruçar sobre o mapa-mundi e estudar o campo minado no caminho da prometida e anunciada reestreia do país no cenário global. Se em 2003 Lula tomou posse com a maior parte da comunidade internacional em oposição à invasão americana no Iraque, o mandato atual começa com EUA, China e Rússia encenando um triângulo bem pouco amoroso.

Em particular, cada qual dos três vértices faz o próprio jogo geopolítico, embora a conjunção das disputas e conflitos em andamento aponte para um alinhamento mais próximo entre Pequim e Moscou. Washington, como desdobramento da guerra na Ucrânia, tem hoje a Europa de volta a uma órbita mais próxima, no campo gravitacional da Otan.

Lula dará dois passos de largo alcance na reinserção diplomática do Brasil pisando em terreno cheio de armadilhas e descaminhos. O desafio será equilibrar as pressões dos diferentes polos para ter o Brasil na própria esfera de influência.

Tijolo com tijolo

Em março, cara a cara com Xi Jinping, o presidente terá também agenda bilateral carregada, com destaque para a atração de investimentos chineses, principalmente na infraestrutura. Mas as conversações entrarão inevitavelmente no campo multilateral, desde logo com os desdobramentos da investida da China para um acordo comercial em separado com o Uruguai, país-membro do Mercosul. O assunto esteve à mesa na escala de Lula em Montevidéu, no retorno da cúpula da Celac, celebrada em Buenos Aires.

A estada em Pequim será ocasião para colocar em prática o anunciado retorno efetivo do Brasil ao Brics, com as implicações geopolíticas do movimento — tanto mais em meio à escalada de tensão entre os anfitriões e os EUA. A China é hoje o maior parceiro comercial do país e tem reservas da ordem de US$ 3 trilhões, capital que "pede" para ser exportado. O exercício de estratégia, conduzido a três mãos pelo presidente, pelo chanceler Mauro Vieira e pelo assessor especial Celso Amorim, consiste em atrair os investidores potenciais sem indispor-se com a potência vizinha do Hemisfério Americano.

Olimpíada em jogo

A guerra da Ucrânia projeta a sombra do boicote sobre os Jogos Olímpicos de Paris, a um ano e meio da abertura. O pomo da discórdia é a decisão do Comitê Olímpico Internacional (COI) de permitir a participação de atletas da Rússia e de Belarus, esta apontada como parceira de Moscou no conflito.

A direção do COI acena com a opção de que russos e bielorrussos possam competir sob uma bandeira neutra. A fórmula é semelhante à que incluiu esportistas russos nos jogos de Tóquio — o país como tal foi excluído como punição por seguidos incidentes de doping.

Polônia, Lituânia, Letônia e Estônia fizeram coro à Ucrânia, que quer ver russos e bielorrussos banidos. O quinteto ameaça articular um boicote caso não seja atendido pelo COI em reunião marcada para esta semana.